

Times põe ajuste sob suspeita

Nova Iorque - Reportagem do "New York Times", enviada do Rio de Janeiro pela correspondente Diana Jean Schromo e publicada na edição de ontem - sob o título "Brazilians Scale Back Pledges to Cut Budget" - sugeriu que o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso recuou e que os novos números do Orçamento só cortam metade do que fora prometido antes.

"O total dos gastos no próximo ano vai na realidade aumentar, segundo os últimos números anunciados segunda-feira", diz o texto, no qual também é afirmado que a correspondente tentou mas não conseguiu ouvir sobre o assunto o ministro Paulo Paiva e nem o secretário executivo do

Ministério do Planejamento, Martus Tavares.

O Governo prometera corte de US\$ 7 bilhões, diz o jornal, em "tentativa urgente de melhorar sua credibilidade econômica". Os cortes de gastos anunciados há duas semanas, parte de programa "ansiosamente esperado para aumentar US\$ 23,5 bilhões na receita no próximo ano", representavam um "compromisso de limpar a casa e reduzir déficit fiscal perigosamente elevado".

O "Times" referiu-se ainda ao temor do governo Clinton com a hipótese de o Brasil falir, pois é a nona economia do mundo, tem metade da população da América do Sul e compra 20% do que os EUA exportam. O governo FHC, diz o

jornal, pode ter exagerado no total do que de fato economizará, o que "levanta dúvidas sobre a dimensão real do seu esforço".

Sugere o "Times" que o exagero foi deliberado porque o Fundo Monetário Internacional (FMI) estava para anunciar seu pacote de socorro ao Brasil. Os cortes de gastos, assim, buscavam restaurar a confiança do exterior com uma "demonstração de disciplina que em parte é ilusão". A metade seria real, a outra metade mera gordura pré-pacote, diz o jornal, citando David Fleischer, professor da Universidade de Brasília e presidente da sucursal da Transparency International.

Além de Fleischer, a correspondente também cita no

texto o economista Paulo Rabello de Castro, do Atlantic Institute, e o cientista político Alexandre Barros. O primeiro diz confiar nas corações do Governo mas declara-se desencorajado pela resposta deste momento à crise.

Para Barros, a grande questão não é tanto o tamanho dos cortes agora e, sim, a capacidade do Governo de manter práticas de emagrecimento ao longo do tempo. "Quero ver o que virá depois de três ou seis meses, quando as pressões imediatas diminuirem e as pessoas disserem 'É, Presidente, agora o senhor pode revogar essa ou aquela medida de austeridade'".

ARGEMIRO FERREIRA

Correspondente do Jornal de Brasília